

A INSCRIÇÃO DO SUJEITO NA LINGUAGEM: UM CONTRAPONTO ENTRE BENVENISTE E LACAN

Flávio Roberto Gomes Benites¹



É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de “ego”.

(Émile Benveniste)

Também o sujeito, se pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio.

(J. Lacan)

Resumo: O trajeto que aqui fazemos tenta mostrar que há uma multiplicidade de estudos possíveis a partir da linguagem. Assim, marcamos uma relação da linguagem com a questão do sujeito por considerá-lo um campo fértil de reflexões cujo desenvolvimento se deu (ou se dá), de uma maneira ou de outra, graças ao seu vínculo com os estudos da linguagem. Devido à amplitude que a temática sujeito-linguagem pode acarretar, vamos nos limitar em esboçar um contraponto entre dois teóricos: de um lado, o reconhecido lingüista Émile Benveniste e, do outro, o ilustre psicanalista Jacques Lacan.

Palavras-chave: Linguagem; Sujeito; Consciente; Inconsciente.

Abstract: In this study we try to show that there are a multitude of possible studies starting from the language. So, we mark a relationship of language with the question of the subject by considering it a fertile field of ideas whose development was (or is given), in one way or another, thanks to its link with the study of language. Due to the extent of the theme subject-language, we will confine ourselves to draw a counterpoint between two thinkers: on the one hand, the recognized linguist Émile Benveniste, and in the other, the eminent psychoanalyst Jacques Lacan.

Keywords: Language; Subject; Conscious; Unconscious.

Noções preliminares

Gostaríamos de trazer, neste ensaio, algumas contribuições que giram em torno da linguagem e do sujeito, focalizando este último como centro de nossa reflexão. O trajeto que aqui fazemos tenta mostrar que há uma multiplicidade de estudos possíveis a partir da linguagem. Assim, marcamos uma relação da linguagem com a questão do sujeito por considerá-lo um campo fértil de reflexões cujo desenvolvimento se deu (ou se dá), de uma maneira ou de outra, graças ao seu vínculo com os estudos da linguagem.

Devido à amplitude que a temática sujeito-linguagem pode acarretar, vamos nos limitar a esboçar um contraponto entre dois teóricos: de um lado, o reconhecido linguista Émile Benveniste (1902-1976), e, do outro, o ilustre psicanalista Jacques Lacan. Antes, porém, vejamos brevemente

o conceito de sujeito cartesiano e o que isso pode implicar ao fazermos a sua relação com os pensadores acima elencados.

O sujeito cartesiano

É comum a ideia de que o filósofo francês René Descartes (1596-1650) deu início à filosofia moderna ao centralizar no sujeito a questão do conhecimento. Com a famosa proposição “Penso, logo existo” (*Cogito ergo sum*), Descartes cessa um conjunto de dúvidas na busca de uma verdade primeira, pois não pode duvidar do seu próprio ser que pensa, que duvida. “No centro da ‘mente’ ele colocou o sujeito individual constituído por sua capacidade para pensar e raciocinar” (HALL, 2004, p. 27). Há outras ideias cartesianas vinculadas à questão do sujeito, tais como a existência de Deus e a relação com o mundo, que, para nosso propósito, são desnecessárias.



Para sua época, obviamente, Descartes teve o mérito de situar a dimensão do sujeito, fixando-o na sua referência ao conhecimento, ao saber. Ele localiza no próprio indivíduo a possibilidade de ser sujeito, promovendo uma coincidência entre o eu que pensa e o eu que existe, o que resulta em um sujeito como fonte de si mesmo, sendo, portanto, um sujeito consciente.

O sujeito e a linguagem em Benveniste

Ao trazermos o sujeito cartesiano para os domínios da linguagem, podemos perceber uma certa semelhança com a subjetividade proposta por Benveniste, visto que este coloca o sujeito como origem e centro da referência do seu dizer. Vejamos a visão do linguista com mais detalhe.

Em um texto, denominado "Da subjetividade na linguagem", Benveniste parte da ideia de que "é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de 'ego'" (1995, p. 286).

Para corroborar a semelhança com o sujeito cartesiano, acrescentamos o pensamento de Benveniste, no qual diz que a subjetividade define-se

[...] como uma unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência [...], não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. (BENVENISTE, 1995, p. 286).

Para mostrar que é na linguagem que está o fundamento da subjetividade, Benveniste irá evidenciar, a partir da própria linguagem, as formas que expressam a subjetividade. Em primeiro lugar, o linguista apresenta os pronomes pessoais *eu* e *tu*, pois considera que "uma língua sem expressão da pessoa é inconcebível" (p. 287).

O autor atribui uma certa característica pragmática ao dizer que o *eu* se refere ao ato de discurso individual e ainda acrescenta que os pronomes pessoais possuem um status diferente dos outros signos da linguagem por causa de sua referência atual. Benveniste ainda lembra a relação da dêixis com os pronomes pessoais: "[...] os indicadores de dêixis [...] têm em comum o traço de se definirem somente com relação à instância de discurso na qual são produzidos, isto é, sob a dependência do eu que aí se enuncia" (p. 288).

Outro ponto de apoio para a tese benvenisteana é a questão do tempo: "é fácil ver

que o domínio da subjetividade se amplia ainda e deve chamar a si a expressão da temporalidade" (p. 289). A noção de tempo, segundo o autor, é sempre notória em todas as línguas, desde as simples palavras como os advérbios até as complexas flexões verbais. A partir dessa ideia, uma pergunta se impõe: de que maneira a subjetividade está relacionada com a temporalidade?

Consideremos as palavras do linguista: "Ora, esse 'presente', por sua vez, tem como referência temporal um dado linguístico: a coincidência do acontecimento descrito com a instância do discurso que o descreve. A marca temporal do presente só pode ser interior ao discurso" (p. 289). Acreditamos que é essa *coincidência de acontecimento com a instância do discurso* que denota o vínculo sujeito-tempo, pois é essa instância do discurso que possibilita ao sujeito atualizar o seu dizer, assim como o próprio Benveniste já apresentara anteriormente: "*eu* se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e *lhe* designa o locutor [...] É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como 'sujeito'" (p. 288).

Posteriormente, Benveniste irá elencar uma série de exemplos que dizem respeito à subjetividade e que estão notoriamente marcadas na língua, cujo efeito de sentidos pode acarretar mudanças variadas. Em primeiro lugar, o autor apresenta exemplos de verbos que apenas descrevem uma ação e que estão atribuídos da mesma forma às três pessoas, *eu*, *tu*, *ele*. No entanto, outros verbos, quando mudam de pessoa, causam outra impressão. Benveniste fala dos que denotam disposição ou operação mental: "Ao dizer *je crois (que...)* converto numa enunciação subjetiva o fato asseverado impessoalmente, isto é, *le temps va changer*, que é a verdadeira proposição" (p. 290-291).

Há outras demonstrações, como os verbos *eu suponho*, *eu presumo*, por meio dos quais, como assevera o autor, a expressão da subjetividade só tem relevo na primeira pessoa. Quando há uma mudança de pessoa, ou para a segunda (*tu*) ou para a terceira (*ele*), o que se faz é somente retomar o dizer do *eu*:

tu supposes qu'il est parti [= "supões que ele partiu"], o que é apenas a maneira de repetir o que o 'tu' acaba de dizer: 'je suppose qu'il est parti'. Suprima-se, porém, a expressão da pessoa deixando só: *il suppose que... e, do*

ângulo do eu que a enuncia, não se tem mais que uma simples comprovação. (p. 291-292).

Para finalizar, Benveniste apresenta exemplos que, parece-nos, concernem aos Atos de Fala², embora tal referência não esteja explícita em seu texto. Os verbos utilizados são, sobretudo, *jurar*, *prometer* e *garantir*. Com esses verbos, segundo o autor, “a enunciação identifica-se com o próprio ato. Essa condição, porém, não se dá no sentido do verbo: é a ‘subjetividade’ do discurso que a torna possível” (p. 292). Mais uma vez o autor recorre à substituição da primeira pessoa pela terceira pessoa para mostrar os valores diferentes que as proposições apresentam. Dizendo “eu juro”, há um comprometimento de quem diz, enquanto que em “ele jura” observa-se uma simples constatação. No entanto, embora a forma *ele* esteja fora da alocução eu – tu, ela “[...] tira o seu valor do fato de que faz necessariamente parte de um discurso enunciado por ‘eu’” (p. 292).

Esse vínculo que Benveniste promove entre subjetividade e linguagem faz-nos acreditar que o autor demonstra haver uma certa liberdade do sujeito em relação à língua, pois esse sujeito é aquele que se apropria da língua e é capaz de tornar-se sujeito por meio dela na relação com o seu igual, o interlocutor, sem ser afetado pelas relações sociais.

Lacan: sujeito, linguagem e inconsciente

Se o sujeito da linguagem em Benveniste demonstra uma certa semelhança com o sujeito cartesiano, com Lacan, ao contrário, acontece um questionamento do sujeito que se pretende origem de si mesmo, o sujeito centrado, capaz de discernir as ideias claras e distintas como queria Descartes. Acompanhem as palavras de Lacan: “Não se trata de saber se falo de mim de conformidade com aquilo que sou, mas se, quando falo de mim, sou idêntico àquele de quem falo” (1998, p. 520). “Penso onde não sou, logo sou onde não penso” (p.521).

Essas palavras são o suficiente para demonstrar a subversão e a interrogação que Lacan faz em relação ao cogito cartesiano. A crítica lacaniana evidencia o princípio da não unicidade do sujeito, fragmentação esta já promulgada por Freud, por pensar que “[...] a subjetividade é o produto de processos psíquicos inconscientes” (HALL, 2004, p. 37).

A primeira problemática que apresentamos diz respeito à relação da linguagem com o inconsciente. A questão é apresentada por Michel Arrivé da seguinte maneira: “O problema do inconsciente estruturado como uma linguagem domina, evidentemente, todo o conjunto da reflexão lacaniana” (1999, p. 108). Como o excerto “como uma linguagem” pode acarretar uma confusão, Arrivé explica: “O indefinido *uma* é sobredeterminado. Ele marca, primeiro, a pluralidade dessas linguagens que, como efeitos que são da linguagem, dão ao *como* o seu sentido uma entre várias” (1999, p. 108).

Esse primeiro olhar para a teoria lacaniana nos induz a questionar como Lacan aborda a relação sujeito-linguagem. Aqui, podemos dizer que o sujeito vivencia uma fantasia a partir de um discurso consciente de si mesmo; olha para si como uma unidade e isso se mostra na linguagem. Entretanto, o sujeito que diz “eu” se perde na própria linguagem, como afirma Lacan: “Eu me identifico na linguagem, mas somente ao me perder nela como objeto” (1998, p. 301).

Se o sujeito, assim como aponta Lacan, se perde na linguagem, então o próprio autor assinala que o sujeito se inscreve na linguagem para poder se constituir enquanto tal. Em outras palavras, o sujeito se perde na linguagem por não ter domínio completo dela, visto que é constituído por um inconsciente e, por isso, pode falar mais do que pretende; por outro lado, ele se constitui através da linguagem, constitui-se como “sujeito da falta”.

Essas anotações encaminham-nos para a ideia lacaniana de que o sujeito é constituído por processos significantes que estão em constante antecipação em relação ao sentido, conforme assevera Lacan:

[...] o significante, por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido, desdobrando como que adiante dele sua dimensão. [...] Donde se pode dizer que é na cadeia do significante que o sentido *insiste*, mas que nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação de que ele é capaz nesse momento. Impõe-se, portanto, a noção de um deslizamento incessante do significado sob o significante [...]. (1998, p. 505-506).

É nesse ponto que podemos ver a importância do significante na constituição do sujeito, ou seja, sob a perspectiva da psicanálise lacaniana, sem significantes não há sujeito. Portanto, o sujeito lacaniano é trabalhado como efeito de linguagem

e do inconsciente. No entanto, o significante do qual se fala em Lacan não deve ser entendido da mesma maneira como propõe o linguista Ferdinand de Saussure. Este considera que os elementos significados e significantes têm uma reciprocidade ou uma equivalência de importância:

[...] de um lado, o conceito [significado] nos aparece como a contraparte da imagem auditiva [significante] no interior do signo, e, de outro, este mesmo signo, isto é, a relação que une seus dois elementos, é também, e de igual modo, a contraparte dos outros signos da língua. (SAUSSURE, 1995, p. 133).

Em Lacan, como dissemos, o significante ocupa um lugar de destaque, como atesta Joël Dor:

Lacan irá simbolizar duplamente a supremacia do significante sobre o significado: em primeiro lugar, invertendo o algoritmo saussureano do signo lingüístico; a seguir, esquematizando a escrita do significante por um 'S' maiúsculo: S/s. Pela letra 'S' acima da barra encontra-se indicada a função primordial do significante, e Lacan mostrará, a partir da experiência analítica, que é ele que governa no discurso do sujeito; ou mesmo que é ele que governa o próprio sujeito. (1992, p. 42).

Ao considerar que o significante se antecipa ao sentido, Lacan, empenhado na tarefa de ver a relação entre linguagem e inconsciente, irá sustentar essa reflexão nos estudos sobre os processos semânticos da metáfora e da metonímia. Dessa maneira, Lacan irá estabelecer uma conexão do seu pensamento com os trabalhos freudianos acerca da interpretação dos sonhos. Assim ele se expressa:

De maneira geral, o que Freud chama de condensação é o que se chama, em retórica, metáfora, e o que ele chama deslocamento, metonímia. A estruturação, a existência lexical do conjunto do aparelho significante são determinantes para os fenômenos presentes na neurose, pois o significante é o instrumento com o qual se exprime o significado desaparecido. (LACAN apud DOR, 1992, p. 42).

A metáfora está vinculada ao mecanismo de condensação por causa de sua característica de similaridade, substituição, a que Lacan considera *substituição significante*. Com isso, podemos ver na interpretação dos sonhos que existem elementos

do conteúdo latente que podem estar condensados no conteúdo manifesto, sendo possível a sua evidência por meio de cadeias associativas e similaridades, sobretudo, semânticas.

É o que ocorre com um dos tipos de condensação: a *formação compósita*: "Nesse tipo, os elementos latentes que apresentam características em comum irão fundir-se entre si. Assim, estarão todos representados ao nível manifesto por um único elemento" (DOR, 1992, p. 53). Esse tipo de condensação pode ser ilustrado com o "Doutor M..." de Freud:

Pode-se criar uma pessoa coletiva que serve à condensação do sonho, reunindo numa só imagem do sonho traços de duas ou mais pessoas. É assim que foi formado o doutor M... de meu sonho. Ele traz o nome de M..., fala e age como ele; suas características físicas, sua doença são de outra pessoa, de meu irmão mais velho; um único traço, sua palidez, está duplamente determinado, uma vez que na realidade é comum às duas pessoas. (FREUD apud DOR, 1992, p. 53).

O processo metonímico da linguagem, por sua vez, relaciona-se com o mecanismo de deslocamento. Tal vínculo se dá porque na metonímia há uma *substituição significante* que provoca um *deslocamento de sentido*, cujos elementos estão em relação de contiguidade. Por meio desse processo, na interpretação dos sonhos, o conteúdo latente é recolocado no nível manifesto de modo linear, mas por uma transferência de denominação, a qual Lacan interpreta como resistência à significação, devido "[...] ao fato de que a metonímia é sempre um não-sentido aparente" (DOR, 1992, p. 59).

Essas relações dos processos metafóricos com a condensação e dos processos metonímicos com o mecanismo de deslocamento demonstram a ligação entre linguagem e inconsciente e, segundo Dor, funcionam "[...] como testemunhos incontornáveis do caráter primordial do significante" (p. 41).

Uma vez que a subjetividade em Lacan é resultado da linguagem e do inconsciente, o psicanalista irá, por meio da escuta, estudar a estruturação do sujeito em seu próprio discurso, fazendo a relação dos processos linguísticos acima apresentados com os mecanismos já antes estudados por Freud, ou seja, o deslocamento e a condensação. Nesse sentido, podemos retomar

aqui a citação de Dor, quando diz que “[...] Lacan mostrará, a partir da experiência analítica, que é ele [o significante] que governa no discurso do sujeito; ou mesmo que é ele que governa o próprio sujeito” (1992, p. 42).

Os resultados aos quais o psicanalista chega, como percebemos nas palavras de Dor, são obtidos em situações de análise, o que extrapola os limites deste ensaio.

Concluindo

Há, evidentemente, vários caminhos que podemos percorrer na tentativa de entender a maneira como o sujeito se inscreve na linguagem. Podemos considerar, a título de informação, o estudo que S. Hall (2004) faz em torno das concepções mutantes do sujeito visto como uma figura discursiva. Há também a perspectiva da Análise do Discurso de M. Pêcheux (1997), que entende o sujeito como uma posição discursiva resultante de um assujeitamento ideológico.

O percurso que adotamos neste ensaio apóia-se, primeiramente, na concepção cartesiana de sujeito. Vimos em Descartes o ponto de certeza absoluto sobre o qual assentou-se o sujeito, o que possibilita-nos dizer que em tal conceito o sujeito é pensado de uma perspectiva universal, ou seja, sem circunstância.

Posteriormente, ao observarmos o modo como Benveniste apresenta a relação sujeito-linguagem, notamos uma semelhança com o sujeito cartesiano. Isso não significa que o linguista pensasse assim ao formular a sua teoria. Contudo, podemos, por analogia, considerar a equivalência de suas características, visto que Benveniste delega ao sujeito a responsabilidade pelo seu próprio dizer, sendo este, portanto, consciente e, por isso, assemelha-se ao sujeito cartesiano. Podemos conferir isso com a seguinte passagem: “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização. [...] Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por conta” (BENVENISTE, 1989, p. 82).

O psicanalista Lacan, por sua vez, questiona, como observamos, o estatuto do sujeito cartesiano. Como pensa Lacan, o sujeito não é primeiro, mas resultado e dependente da linguagem e do inconsciente, como atestamos no seguinte trecho:

[...] a linguagem preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento

mental. [...] Também o sujeito, se pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio. (LACAN, 1988, p. 498).

Desse modo, é pelo deslizamento vacilante do significado, que ocasiona falhas na estrutura significante, que se percebe, por meio da escuta psicanalista, o funcionamento inconsciente do sujeito. Vimos que, do ponto de vista lacaniano, o sujeito é constituído pela linguagem. Uma linguagem que, ao falhar, manifesta um sentido desconhecido para o sujeito; tem-se o discurso da falta, da incompletude, a partir do qual podemos concordar com Lacan quando diz que “o inconsciente é uma parte que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente” (p. 260).

Se Descartes elabora um pensamento sobre o sujeito enquanto universal, não podemos dizer o mesmo em relação a Benveniste. Este, em seu texto, trata o sujeito a partir de uma *instância de discurso*, isto é, a partir de uma circunstância na qual o sujeito se insere para enunciar. Por essa mesma via, inferimos, talvez de modo arriscado, que o mesmo acontece em Lacan, pois o sujeito é sempre uma construção, um resultado, como pudemos notar anteriormente.

Não devemos nos contentar em dizer que o contraponto entre Benveniste e Lacan se restringe ao fato de o sujeito ser consciente no primeiro e de que, no outro, há um inconsciente que estrutura o sujeito. Nesse sentido, acrescentamos que Benveniste parece tratar de um sujeito preocupado com o ato linguístico, cuja marca ele deixa na linearidade textual; que diz ego sem se perturbar com o Outro que o determina, assim como pensa Lacan.

1- Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela UFPB. Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), campus universitário de Tangará da Serra. E-mail: frgbenites@gmail.com
2- “Em Quando dizer é fazer, Austin (1962), partindo da constatação da existência de uma oposição entre o que chamou de performativo e constativo, procurou estudar em que medida dizer alguma coisa é realizar algo” (GUIMARÃES, 2002, p. 37).

Aceito para publicação em XX/XX/200X.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIVÉ, M. *Linguagem e psicanálise: lingüística e inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

_____. *Problemas de lingüística geral I*. 4.ed. Campinas: Ed. da UNICAMP/Pontes, 1995.

DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. v. 1

GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. 2.ed. Campinas: Pontes, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. 20.ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.